

## RECADO DE PARIS

Paris, maio. — A revista "L'opus", que é um mensageiro bilingue "da joven poesia francesa e americana" publica em seu número de abril um inédito de Kafka. É sua única produção para o teatro: um ato que se chama "O guarda do túmulo."

"Samedi-Soir" publica um longo artigo (elogioso) sobre Pierre Lazareff, o diretor de "France-Soir", talvez o homem de jornal mais movimentado da França. Não conta algumas coisas que no meio dos profissionais a gente ouve sobre Lazareff, mas conta algumas das histórias desse herói "das mil e uma noites da verdade." Um dia ele jogou um tinteiro em cima de sua secretária particular, Mme. Maréze, cunhada de Carco, estragando seu vestido. A noite mandou entregar em sua casa três vestidos novos. No dia seguinte Mme. Maréze chegou ao jornal trazendo-lhe de presente seis tinteiros. Sua mulher, uma ex-etnóloga, Helene Gordon, é a diretora da revista "Elle". Durante a guerra criou, nos Estados Unidos, a "Voz da América." Roosevelt pediu que ele ouvisse, antes de qualquer outra pessoa, o disco em que gravara um discurso em francês para ser irradiado no dia do desembarque na Normandia. O presidente afirmava aos franceses, nesse discurso: "amo vossas fazendas, vossas cidades e vossos castelo." Mas "fermes", fazendas, não estava muito bem pronunciado: Lazareff ficou um tanto assustado porque entendeu "femmes", mulheres. Roosevelt gravou o disco outra vez. Velho amigo de Mistinguett, Lazareff recebeu outro dia sua visita. Ela vinha se queixar de certas piadas desagradáveis aparecidas em alguns jornais. Queria que o poderoso diretor a defendesse. "Mas isso não tem importância — disse Lazareff. Uma mulher como você!" E Mistinguett, muito séria: "Não, Pierre, isso me prejudica. Você compreende, minha carreira..."

\* \* \*

A imprensa comunista "Ce Soir" e "L'Ecran Française" tinham elogiado muito o filme "Un homme marche dans la ville", de Marcello Pagliero. Os estivadores que lhe aparecem são estivadores autênticos, etc., etc.. Mas alguns meses depois "L'Humanité" resolveu declarar que esse filme "demonstra desprezo pela classe operária." Os comunistas já haviam aplaudido o filme em muitos lugares da França; mas daí para adiante receberam ordem de sabotá-lo. Em algumas cidades promoveram distúrbios, em outras conseguiram, com ameaças, que o filme fosse tirado do cartaz.

Explicação: no intervalo entre os aplausos e as vaias a censura francesa proibira (entre protestos partidos de todos os lados) o filme soviético em cores "Mitchourine". Ora, se um filme russo não pode ser exibido, então um filme francês também deve ser "censurado." O filme de Pagliero foi acusado de mostrar operários tomando vinho. "É verdade, eu me enganei — explicou Pagliero a um amigo. Quando acabam de trabalhar, os estivadores do Havre se juntam numa taberna e tomam grandes copos de leite..." Mas Pagliero é o tipo do "troisième force"; deixa agora os comunistas de lado começa a rodar um filme cômico — provavelmente outra fábrica de encenacas, mas desta vez em outras paróquias. Título: "A batalha do coca-cola."

R. B.

24.5.50

177